

EM DEBATE:
O PROJETO DE
RESOLUÇÃO DO
CNE SOBRE O
CURSO DE
PEDAGOGIA

10 anos
PRESENCIA
Pedagógica

PRESENCIA

Pedagógica

EDITORA DIMENSÃO • V.11 • N.65 • SET./OUT. 2005 • ISSN 1413-1862 • R\$ 18,00



DOM QUIXOTE:
CAVALEIRO DE
400 ANOS
NA ESCOLA



Dom Quixote: cavaleiro de 400 anos na escola

■ MARIA ANGÉLICA AMÂNCIO DOS SANTOS *
MARÍLIA VASCONCELOS DE MELO CAMPOS **
TEREZINHA PEREIRA ***

E Em 1605, Miguel de Cervantes publicava *Don Quixote de la Mancha*, na Espanha. Hoje, 400 anos depois, o mundo revela que a Triste Figura desse eterno Cavaleiro Andante não é tão triste assim.

A princípio, a palavra que rotula Quixote é loucura. Após ler um sem número de romances de cavalaria, Don Alonso Quijada enlouquece. Declara-se um cavaleiro andante que precisa partir a fim de salvar donzelas, defender inocentes, derrotar toda a sorte de males que apareçam à sua frente. Para isso, convida um camponês para ser seu fiel escudeiro, convencendo-o

de que, ao fim das batalhas, ele lhe daria uma bela ilha, da qual seria o governador. O pobre Sancho Pança, encantado com a gloriosa oportunidade de governar a tal ilha, embora indiferente aos heroísmos de Dom Quixote, aceita o convite e parte com o cavaleiro em cima de seu burrico. Uma humilde camponesa é nomeada a dulcíssima Dulcinéia Del Toboso, donzela para a qual Quixote dedicaria todas as suas vitórias, e um cavalo magro e doente torna-se o impetuoso Rocinante, que levaria o destemido cavaleiro pelas mais inusitadas aventuras!

* Graduanda em Letras pela UFMG. E-mail: gellyamancio@yahoo.com.br

** Professora do Colégio Berlaar Sagrado Coração de Maria, de Pará de Minas, MG.

*** Estagiária de Português do Colégio Berlaar Sagrado Coração de Maria, de Pará de Minas, MG, orientada pela Profa. Marília V. M. Campos.



Então ele duela com moinhos, liberta bandidos perigosos, é nomeado cavaleiro numa tosca estalagem à beira da estrada, assiste emocionado à batalha entre dois rebanhos de ovelhas... e torna-se lenda na região da Mancha: o risível cavaleiro andante; o insano Dom Quixote e seu roliço escudeiro.

A arte da literatura atravessa os tempos

O legado que *Don Quixote* deixou para a humanidade vai bem além das gargalhadas provocadas por suas fantasiosas aventuras, entretanto. Todas as formas de arte já beberam na fonte de Cervantes ou renderam merecidas homenagens a ela. Compositores como Telemann, Mendelssohn e Strauss compuseram óperas, suítes, poemas sinfônicos em tributo ao célebre romance e seu inesquecível protagonista. No século XX, no Brasil, grupos de rock como os Mutantes, em 1969, e Engenheiros do Hawaí, em 2003, parodiaram e homenagearam o cavaleiro da Mancha.

Em 1869, na Rússia, houve uma criação sobre *Don Quixote* para balé, com música de Minkus, compositor oficial do balé Bolshoi e diretor do Kirov. Além disso, pintores como Gustave Doré, Salvador Dalí e Cândido Portinari ilustraram de forma belíssima as agruras e alegrias de Quixote e Sancho Pança.

O cinema e a TV também chegaram a produzir cerca de 30 versões do romance, embora nenhuma delas tenha alcançado grande notabilidade. O mais recente de que temos notícia é uma versão norte-americana do diretor Peter Yates, de 1999, denominada *Don Quixote*. Além disso, a exemplo do herói de Cervantes, o grande cineasta, Orson Welles, viveu a dor de perseguir seus sonhos a todo custo. Após dirigir *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*, EUA, 1941), Welles passou o resto da vida tentando conseguir dinheiro para produzir seus projetos

incompreendidos e, aparentemente, nada lucrativos para Hollywood. Um deles era filmar “Quixote”. O cineasta chegou a produzir cerca de 50 minutos de gravação, mas, infelizmente, não conseguiu concluí-la.

Na literatura, as referências são infinitas. Alguns fizeram alguma homenagem a *Don Quixote* em suas obras, outros nela se inspiraram para escrever romances, contos, poemas, outros deixaram escrito ou deixaram pistas em seus textos sinalizando que eram leitores do romance de Cervantes. Entre eles, podemos citar Dostoiévski e Vladimir Nabocov, na Rússia, Charles Dickens, na Inglaterra, Gustave Flaubert, na França, Thomas Mann e Kafka, na Alemanha, Saramago, em Portugal, Garcia Marquez, na Colômbia, Italo Calvino, na Itália, Llosa, no Peru, Borges, na Argentina, Carlos Fuentes, no México. No Brasil, diversos autores deixaram em suas obras “rastros” de que haviam lido *Don Quixote*, como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac, Lima Barreto, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Moacyr Scliar.

Será que o pobre Cervantes imaginava que sua obra, publicada já quando este estava na terceira idade, alcançaria um sucesso tão grande, capaz de ultrapassar gerações e mobilizar toda espécie de arte?

Cervantes foi também um herói pícaro?

A verdade é que a vida de Miguel de Cervantes Saavedra contou com aventuras muitas vezes tão inusitadas quanto as de seu mais célebre protagonista. Nascido em 1547, em Alcalá de Henares, na Espanha, Cervantes serviu ao exército do rei espanhol Filipe II, na batalha naval de Lepanto contra o império turco, em 1571. Ferido, perdeu para sempre os movimentos da mão esquerda.

Quando voltava de outra expedição, Cervantes foi capturado por piratas argelinos e vendido como escravo ao

rei de Argel, onde permaneceu por cerca de cinco anos, apesar de tentar fugir diversas vezes. Por fim, com a ajuda de sua família e do monge Juan Gil, que pagou seu resgate, conseguiu voltar à Espanha, em 1587. Passou por muitas dificuldades financeiras, teve um caso com uma mulher casada do qual resultou uma filha. Frustrado, uma vez que sua produção literária não obtinha sucesso e ele não realizava o sonho de ter encenadas suas obras para teatro, conseguiu, no entanto, ser nomeado Corsário Real. Coletava azeite e grãos para a Armada Invencível, esquadra criada por Filipe II para conquistar a Inglaterra. Por não saber matemática, foi enganado por outros corsários e preso sob acusação de roubo em 1592.

Com a publicação do livro *Don Quixote*, em 1605, Cervantes conseguiu juntar algum dinheiro e pôde dedicar-se exclusivamente à literatura. A obra fez tanto sucesso que uma pessoa, usando um nome falso de Alonso Fernández Avellaneda, publicou uma segunda parte do romance. Revoltado com a falsificação, Cervantes publicou sua própria segunda parte em 1615.

Miguel de Cervantes morreu em Madri em 1616. Além de seu famoso romance, ele escreveu também poemas e textos para o teatro, que não tiveram tanta repercussão quanto *Don Quixote*.

O “quixotesco” da história

Supõe-se que *Don Quixote* tenha sido escrito enquanto Cervantes estava na prisão, mas não se sabe ao certo a veracidade dessa informação. A verdade é que, seja num presídio ou em liberdade, o escritor conviveu, grande parte de sua vida, com pessoas, de certa forma, marginais, como sua filha e suas irmãs, que ganhavam a vida como meretrizes. Portanto, é possível afirmar que não faltou ao escritor matéria-prima para construir suas personagens e, é claro, motivação para isso, não só devido aos percalços de sua existência, mas também porque a

Espanha do tempo de Cervantes representava um grande estímulo para a fuga através das artes e da literatura.

Nesse sentido, *Don Quixote* apresenta-se, mais uma vez, como uma obra notável para a cultura ocidental. Isso porque retrata, com tom satírico e burlesco, o período compreendido entre 1570 e 1616, “um tempo de inquietudes, de ansiedades, de fracassos, de peste e carestias, de corrupção, de temores, de crise, de perda de influência política na arena internacional, de exploração e colonização, de violências e de crueldades – violências e crueldades perpetradas pelo poder, mas também por grupos e indivíduos, como tantas vezes Cervantes nos recorda em sua obra”. (FEROS, *Folha de S. Paulo*, 18/06/2005).

Em *Dom Quixote*, a sátira dos romances de cavalaria remete, profundamente, a uma crítica àquela elite que lutava em batalhas contra outros países, tremulando a bandeira espanhola e bradando a vitória a toda a nação, mas que em nada contribuía para amenizar as mazelas do povo. Sim, porque os efeitos sociais das más colheitas e da peste – que matou quase um milhão de pessoas na Espanha – refletiam-se numa miséria generalizada e no gigantesco aumento do número de desempregados, pobres e criminosos. Por outro lado, entre os monarcas, “a inflação não deixava outra alternativa senão gastar tudo o mais rapidamente possível, e então, em festas intermináveis, comia-se até o limite das possibilidades humanas” (FEROS, op. cit.).

Na passagem do segundo *Don Quixote*, o publicado em 1615, em que o casal de duques diverte-se com a credulidade do cavaleiro andante e seu fiel escudeiro, dando ao último o direito de governar a sua tão sonhada ilha, há uma sátira a essa contradição social. Ao então governador é servido um suntuoso banquete, do qual, entretanto, ele nada pode saborear. Isso porque seu conselheiro o alerta sobre os perigos do excesso e sobre a necessidade de o líder de um povo estar sempre saudável, a fim de operar com êxito as realizações que seus súditos esperam dele.



Porém, muitas vezes é com melancolia que essa contradição é comentada ao longo do romance. Ela é o que empurra os espanhóis para o mundo onírico. Quixote, de certa forma, espelha essa nação que se empanturra de uma realidade dolorosa e, à noite, durante a indigestão do banquete, sonha com os tempos idos de riqueza e glória. Quixote é a representação desse saudosismo espanhol por aquilo que fora, sustentando, no presente, o sonho do que teria sido o hoje se encenado nos palcos do passado.

**“Enquanto Shakespeare nos ensina a falar com nós mesmos, Cervantes nos ensina a falar uns com os outros”
(Harold Bloom).**

Quixote: uma alegoria de valores

O termo “quixotesco”, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, define “alguém generosamente impulsivo, sonhador, romântico, nobre, mas um pouco desligado da realidade.” Para os espanhóis, que usam mais frequentemente o substantivo *quijote*, o vocábulo indica um “homem que antepõe seus ideais a sua convivência e trabalha (...) em defesa de causas que considera justas, sem consegui-lo.”

Usualmente, utilizamos o termo para nos referirmos a visionários, a idealistas políticos, àqueles que estão terminantemente fadados ao fracasso de suas conquistas. Entretanto, ser Quixote é muito mais do que sonhar. “Dom Quixote é corajosamente louco e obsessivamente corajoso, mas ele não se auto-ilude. Ele sabe quem é,

mas também quem pode ser, se assim o quiser”, escreveu Harold Bloom para a *Folha de S. Paulo*, em caderno especial sobre os 400 anos de *Don Quixote*.

O herói (ou anti-herói), por onde quer que tenha passado sobre o lombo de seu impetuoso Rocinante, golpeou paradigmas, impulsionou novos olhares, conquistou artes e artistas, construiu seu castelo sobre 400 anos de releituras e homenagens. Por isso, é necessário muito mais do que a insanidade para definir o herói. Defini-lo totalmente talvez leve mais alguns séculos – ou a eternidade inteira. Porém, para compreendê-lo um pouco mais desde já, é importante recorrer a três substantivos simples: riso, dignidade e miséria.

Esses substantivos são a matéria-prima de uma criatura chamada homem. Quixote é a alegoria literária da humanidade. Daquele que ri de sua própria miséria, de suas impossibilidades, de sua finitude e, a fim de manter-se digno, busca em todo o arredor, em todo o sentimento, em tudo o mais, uma razão para sua existência assumidamente dolorosa. Além disso, “(...) enquanto Shakespeare nos ensina a falar com nós mesmos, Cervantes nos ensina a falar uns com os outros”, acrescenta Harold Bloom.

O que é a relação de Quixote e Sancho senão o diálogo pacífico da diversidade? A comunhão dos opostos, a compreensão do alheio? E a vida não seria também esse constante diálogo antitético entre bom e mau, feliz e infeliz, real e imaginário?

Para Saramago, “o que move Quixote é o mesmo que nos move, o querer ser outra pessoa, o querer estar em outro lugar” (*Folha de S. Paulo*, 18/6/05). Pensando nisso, é preciso uma longa reflexão antes de simplesmente se definir a personagem central do romance de Cervantes como um doidivanas. Quixote pode – e deve – ser entendido como um espelho fiel da humanidade: com seu caráter lúcido, risível, mítico, miserável, inocente ou, por que não, alucinado.



O Cavaleiro Andante na sala de aula

Perante a complexidade filosófica, histórica e literária desse que é considerado por muitos o maior romance de todos os tempos, é normal que o professor opte por simplesmente mencionar os 400 anos de *Don Quixote*, na sala de aula, e recorra, mais uma vez, aos mesmos livros infanto-juvenis que encabeçam as listas de opção de leitura no conteúdo programático de nossas escolas. Todavia, embora não se possa desmerecer essas obras, que muitas vezes atraem o adolescente ao discutirem questões atuais, diretamente ligadas à sua realidade, é importante compreender que elas podem limitar um possível olhar além do convencional.

Os livros infanto-juvenis, em grande parte, sustentam-se numa receita já utilizada e aprovada pela mídia de massa e pelos chamados *best-sellers*. As histórias narradas trazem sempre uma espantosa preocupação em manter a atenção do leitor, utilizando-se, para isso, de

personagens planas, protagonistas carismáticos – porém decididamente dicotômicos –, enredos fáceis, que oscilam constantemente entre clímax e anti-clímax. Essa exagerada simplificação, embora gere um certo prazer na leitura, não abre qualquer espaço para uma reflexão mais profunda, que ultrapasse os questionamentos peculiares da puberdade e os sonhos já vendidos diariamente pela televisão. A sensação de prazer é experienciada, sim, mas esse prazer é o mesmo produzido por uma novela no horário nobre ou por um filme hollywoodiano, com todas as explosões a que tem direito.

Dessa forma, apresentar obras do cânone literário para um maior enriquecimento crítico-cultural dos alunos, cidadãos em formação, torna-se papel irrevogável do professor de português e de disciplinas humanas em geral. Partindo-se desse raciocínio, a aplicação do romance de Cervantes no espaço escolar cai como uma luva.



É verdade, entretanto, que muitas vezes o tempo não permite a leitura integral do romance. Para isso, sugere-se a adoção de algumas das diversas adaptações realizadas por consagrados autores nacionais. Há, por exemplo, o *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato; *Dom Quixote de la Mancha*, de Ferreira Gullar; *Dom Quixote*, de Orígenes Lessa; *Dom Quixote*, de José Angeli; e *Dom Quixote*, em quadrinhos, de Will Eisner. É possível, também, trabalhar com três adaptações diferentes, no intuito de enriquecer ainda mais o trabalho. A partir da leitura de uma ou mais adaptações, é possível criar uma infinidade de atividades que não só explorem a obra de Cervantes, como também a relacionem com outros livros e/ou conteúdos curriculares essenciais.

Projeto Dom Quixote

Aqui, o relato do Projeto Dom Quixote desenvolvido pelas professoras Marília Vasconcelos de Melo Campos e Terezinha Pereira com os alunos de 8ª série do Colégio Berlaar Sagrado Coração de Maria (CBSCM), em Pará de Minas, MG.

Embasadas nos PCNs de Língua Portuguesa – 3o. e 4o. ciclos –, fizemos um esboço da primeira parte do nosso projeto. Ficou decidido que faríamos a leitura do material encontrado a respeito de *Don Quixote* e também de algumas adaptações, com o objetivo de decidirmos qual deveria ser apresentada aos alunos. Outra coisa que ficou acertada é que as atividades referentes ao tema, a serem feitas com os alunos, seriam relacionadas às diferentes manifestações da arte e à literatura como tal. Como *Don Quixote* é uma narrativa carregada de uma grande variedade de gêneros textuais, trechos de diferentes gêneros deveriam ser abordados. Também foi acertado que a professora responsável pela classe faria seu trabalho seguindo o que estava programado para o semestre e que nós faríamos intervenções,

que poderiam variar entre 10 e 30 minutos, durante uma ou duas aulas por semana, para trabalhar com os alunos sobre assuntos relacionados ao Projeto Dom Quixote. Definimos também que algumas aulas aconteceriam na sala de informática.

Na nossa primeira intervenção falamos de literatura: o autor-produtor, os leitores- receptores e a linguagem literária, seus estilos e gêneros. Os alunos tiveram oportunidade para falar o que pensavam sobre o que é literatura, literaturas específicas e a literatura como arte. No final, foi dado o primeiro passo para o Projeto Dom Quixote em forma de uma “adivinhação” a ser respondida em outro dia, com a intenção de despertar a curiosidade dos alunos a respeito desse livro. Perguntamos: “Que livro é esse?” “Qual o nome do autor?” “Em que país foi publicado?”

As dicas foram as seguintes:

- É considerado o primeiro romance moderno da história;
- Foi publicado em duas partes: a primeira em 1605 e a segunda em 1615;
- Trata-se do livro mais traduzido no mundo (depois da Bíblia e das obras completas de Lênin), com versões em japonês e tibetano;
- Foi eleito o melhor livro da história em uma pesquisa realizada com 100 escritores de 54 países pelo Clube do Livro da Noruega;
- É tido como a mais importante obra da literatura universal em todos os tempos;
- Foi considerado por Monteiro Lobato, há setenta anos, como o melhor livro já publicado no mundo.

Examinamos as adaptações *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, *Dom Quixote de La Mancha*, de Ferreira Gullar, *Dom Quixote*, de Orígenes Lessa, *Dom Quixote*, de José Angeli, e *Dom Quixote*, em

quadrinhos, de Will Eisner. Ao fazer a análise das obras, resolvemos trabalhar com três adaptações diferentes, no intuito de enriquecer ainda mais a leitura. Escolhemos Monteiro Lobato por causa da linguagem usada por ele; a de Ferreira Gullar por ser um grande poeta e ainda estar vivo e também por causa da ilustrações de Gustave Doré que estão em seu livro. Escolhemos também a adaptação de Orígenes Lessa, que é um reconhecido autor de literatura infanto-juvenil. A edição da obra original escolhida foi *O engenheiro fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tradução de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: Pradense, 2003.

Na sala de informática

Com a intenção de despertar a curiosidade do aluno pelo personagem Dom Quixote e seu companheiro Sancho Pança, e também pelo autor Miguel de Cervantes, fizemos o levantamento de alguns endereços eletrônicos relacionados à obra. Após isto, convidamos os alunos para uma aula na sala de informática do colégio, onde ficaram em dupla nos computadores. Cada dupla recebeu, já anotado em uma tirinha de papel, um endereço para pesquisar. Enquanto pesquisavam em seus computadores, olhavam a tela dos computadores dos colegas e, assim, puderam deduzir que, com tantas referências ao personagem, essa seria mesmo uma figura muito importante para a literatura mundial.

Cada dupla de alunos foi convidada a escrever um pequeno texto sobre as pesquisas feitas. Os comentários dos alunos mostravam que eles estavam entusiasmados. Alguns deixaram clara a importância de localizar no mapa o local onde foi escrita a história, os lugares onde os personagens viveram; acharam interessantes as letras de músicas, a história contada por animação, os filmes já realizados, o teatro. Porém, o que mais lhes chamou a atenção foi o *site* das gravuras de Gustave Doré, que con-

tém 222 ilustrações feitas no século XIX. Com isso, eles puderam fazer uma comparação com as gravuras do brasileiro Portinari e do espanhol Picasso, elegendo a de Doré pela expressão que puderam observar nos rostos dos personagens desenhados.

Na aula seguinte, a professora da classe fez a distribuição entre os 33 alunos da sala dos títulos das adaptações da obra que deveriam ler. Para contextualizar a obra no tempo, pedimos que a professora de Língua Portuguesa desse uma aula sobre as cavalaria, os acontecimentos no mundo e, em especial, na Espanha pós-Idade Média. O entusiasmo foi tanto que os alunos se dispuseram a encenar a coroação do cavaleiro medieval.

Trabalhamos com os alunos o *Um em quatro*, poema de Drummond, escrito em 1972, inspirado numa gravura de *Portinari*, produzida em 1956. Foi distribuída uma folha com a gravura e o poema, com datas e endereço do site de onde foram extraídos. Após a leitura do papel como suporte de diversos textos (gravura, poema, nome de autores, datas, endereço na Internet) foi estudada a forma do poema no papel. Dois alunos comentaram que parecia poesia concreta, mas não souberam explicar que características do poema os levaram a falar sobre isso a não ser pela forma como o texto estava posto no papel. Foi então comentado sobre as características do movimento, que teve seu apogeu nos anos 70: as inovações na sintaxe, a abolição dos versos e o uso de espaços em branco. No final, os alunos foram convidados a acessarem o *site* <http://www.ucm.es/info/especulo/numero23/drummond.html>, que uma dupla de alunos já havia acessado, para lerem outros poemas de Drummond, escritos para as gravuras de Portinari, as quais haviam sido feitas para ilustrar uma tradução de *Don Quixote* no Brasil.

Como a obra *Dom Quixote* é generosa em gêneros textuais, um texto escolhido foi o epitáfio. Em forma de poema, o epitáfio é um gênero que se repete



em *Dom Quixote*. Nesse dia, foi passado no quadro o seguinte epitáfio, que está na p. 119 da obra original adotada:

*Aqui jaz de um amador
o pobre corpo gelado;
foi ele um pastor de gado,
perdido por desamor.
Morreu às mãos do rigor
de uma esquiva e linda ingrata,
com quem seu reino dilata
o tirano deus Amor.*

Após lerem o poema, os alunos foram convidados a dizer qual seria o suporte ideal para esse gênero textual. Vários alunos disseram: “uma sepultura”. Indagados sobre o que os levava a pensar em sepultura, além do verbo “morreu”, eles deram indicações: a palavra “jaz”, as expressões “pobre corpo gelado”. Eles mostraram dificuldade em compreender o trecho “às mãos do rigor de uma esquiva e linda ingrata” e questionaram a grafia de “deus” com inicial minúscula e “Amor” com inicial maiúscula.

Os alunos se emocionaram com as dores do pastor Crisóstomo, ficaram assustados com a decisão de Marcela que, modernamente, no século XVII, preferiu viver só a casar-se sem amor. Eles foram solidários com a opinião de *Dom Quixote*, que concluiu que Marcela não tinha culpa pela morte do “amador”, e ditou que ela “em vez de ser seguida e perseguida, fosse honrada e estimada de todos os bons do mundo.”

Marcamos a data para o debate sobre o livro *Dom Quixote*, quando todos já deveriam ter feito a leitura. Com o objetivo de se estabelecer um diálogo a respeito do livro, a professora contou com o apoio do professor, de Informática para criar um fórum no *site* do colégio. A proposta intitulada “Conversando sobre Dom Quixote” foi a seguinte: “Este fórum visa a uma troca de informa-

ções sobre três versões do livro *Dom Quixote*. Na espaço para justificativa, chamado de “conheça melhor a polêmica”, foi posto o texto:

Cientes de que a obra Dom Quixote é a segunda mais lida do mundo, depois da Bíblia, torna-se importante saber por que a história desse herói moderno recebe tal classificação. Diante disso, professores e alunos da 8ª série se propuseram a ler essa obra, traduzida e adaptada por escritores brasileiros: Ferreira Gullar, Monteiro Lobato e Orígenes Lessa. E, para enriquecer nosso trabalho, queremos trocar informações entre nós, durante a leitura do livro.

Fomos com os alunos para a sala de informática e lhes mostramos como funcionaria o fórum. Como o fórum foi criado para alunos de quarta a oitava série, cada um deveria usar seu login e senha para entrar. O primeiro acesso ao fórum aconteceu enquanto os alunos estavam lendo o livro e foram registradas 23 opiniões. O segundo acesso foi proposto após o debate sobre o livro e depois de terem visto o filme *Dom Quixote*, do diretor Peter Yates, exibido em uma sessão especial no cinema da cidade. Desta vez, foram escritos 48 comentários, uma vez que alguns alunos quiseram complementar a opinião dada e outros replicaram o texto do colega, com poucas palavras, mais na intenção de concordar com o que o colega já havia dito. O importante é que houve um esboço de interação, fato que poderá ser um bom instrumento de trabalho com textos argumentativos, expositivos e até mesmo de diálogos. O terceiro acesso ao fórum foi pedido, por escrito, para ser feito em casa ou na escola, em horário que não fosse de aulas. Essa tarefa foi dada logo após a festa de encerramento do projeto, que contou com a presença de alunos, alguns pais, diretoria da escola e mais três turmas de alunos. Desta vez, apenas 17 alunos deram suas opiniões.



Gustave Doré

A quarta capa

Como os alunos estavam trabalhando com três diferentes adaptações de *Dom Quixote* e também manuseavam as adaptações de José Angeli e a de quadrinhos, de Will Eisner, como também a obra original da Editora Pradense, resolvemos trabalhar com eles a quarta capa.

Para trabalhar o suporte do texto foram levados para a sala diversos objetos: caixas de produtos alimentícios, de remédios, embalagens de outros produtos, rótulos diversos. Enquanto esses objetos iam sendo mostrados, os textos foram comentados e discutidas as suas diversidades. Por exemplo: uma embalagem de caldo de galinha serve de suporte para diversos gêneros textuais: código de barras, receita de pratos diferentes, composição do produto, informações sobre sua potencialidade de nutrição e ainda algum texto de propaganda para promover a venda do produto. Cada material apresentado nesse dia foi analisado dessa forma, até chegarmos ao livro.

O livro foi visto como suporte para os mais diversos gêneros textuais, e um aluno se lembrou da aula sobre literatura que havia sido dada na preparação para o projeto, dizendo que o livro serve de suporte para todos os tipos de textos: médicos, científicos, de disciplinas escolares e também da arte da literatura (romance, conto, crônica, poesia e outros gêneros). A seguir, foram analisadas as partes externas de alguns livros, como capas, orelhas e lombadas. Que espécie de texto é escrito nas orelhas, na lombada, na capa e na quarta capa? Os alunos foram convidados a ler o texto que estava escrito na quarta capa de seus livros.

Eles perceberam a tipologia do texto como publicitária, pois faz uma propaganda da obra, com o objetivo de vender o livro. Reunidos em grupos de quatro, os alunos analisaram o tempo verbal mais usado e informações como o nome do autor, do tradutor e de quem fez a adaptação, além de outras, como trechos da obra e comentários sobre o livro.

Uma outra atividade dada foi pedir que fizessem um texto argumentativo para ser posto numa quarta capa



de uma hipotética adaptação de *Dom Quixote*, a partir do seguinte enunciado: ...Façam de conta que vocês são os editores de uma adaptação do livro *Dom Quixote* e querem vendê-la a muitos leitores. Então, escrevam um pequeno texto argumentando sobre o valor da obra ou um pequeno resumo da história para ser impresso na quarta capa dessa adaptação que vocês estão editando.

Antes de começarem a fazer essa atividade, foi feito um comentário a respeito do gênero “resumo”. Uma vez que estariam fazendo um resumo com a intenção de vender um livro, os próprios alunos chegaram à conclusão de que um resumo para quarta capa não deveria conter o final da história, que esse resumo deveria ser diferente daqueles que costumam fazer na escola. Os alunos fizeram bons trabalhos, ao colocar nesses textos informações que haviam obtido a respeito do livro e também referentes à obra de Cervantes, sem escolherem nenhum dos textos lidos como um protótipo. Os trabalhos, depois de avaliados, foram devolvidos aos alunos para uma revisão. Depois de revistos, os textos de cada grupo foram escritos em um pequeno cartaz para serem usados na decoração do salão de festas do colégio, na festa de encerramento do projeto que, então, passou a ser planejada. Depois que os cartazes ficaram prontos, foi feita uma nova avaliação do texto, e chegamos a um consenso de que os textos estavam bem convincentes para serem usados como material de divulgação do livro em outro tipo de suporte como folhetos, *folders*, jornais e revistas. Uma vez que a quarta capa faz parte do livro, esses textos, para serem postos nela, poderiam ser melhorados, eliminando ou substituindo a palavra “livro” em alguns trechos como por exemplo: “um livro que atravessou séculos”, “é um livro surpreendente”, “é um livro cheio de aventuras e romance”, “conheça e leia o livro *Dom Quixote de la Mancha*”, “é um livro cheio de aventura e suspense”, “é um livro cheio de surpresas”, “é um livro feito para todas as idades”.

O que julgamos mais interessante nesse trabalho foi a discussão feita a respeito dos suportes textuais e sobre diferentes gêneros textuais que são elaborados de acordo com os suportes onde deverão ser veiculados.

Do Cavaleiro da Triste Figura para Dulcinéia del Toboso

Na página 210 da obra original adotada, há uma carta que Dom Quixote escreveu à sua amada, a soberana e alta senhora Dulcinéia del Toboso, a qual foi usada para trabalhar o gênero carta e seus afins, como destinatário, remetente. Para isso foram distribuídos aos alunos envelopes lacrados, em branco, contendo a referida carta. Em primeiro lugar conversamos sobre lacre usado no fechamento do envelope, para que serviria na época em que era usado, outras palavras que derivam de lacre; os meios de transportes para se mandar uma carta naquela época, os portadores de mensagens e as facilidades de hoje. A seguir, foi informado o conteúdo do envelope e solicitado a eles que escrevessem o nome da destinatária, “soberana e alta senhora Dulcinéia del Toboso”, e do remetente, Cavaleiro da Triste Figura. Sentiram falta da data no topo da carta e acharam a linguagem bastante estranha, mas puderam captar que era uma carta romântica, poética. Não foi feito nenhum estudo dos verbetes. Para os períodos ficarem mais compreensíveis, fizemos a troca de lugar de alguns termos das frases. Algumas meninas disseram que não gostariam de receber uma carta “tão melada” de seus namorados. Mas os meninos disseram que nunca escreveriam uma carta semelhante às suas namoradas. Avaliamos que, apesar de não conhecerem parte das palavras da carta, os alunos puderam entender o que Dom Quixote quis dizer a Dulcinéia, além de conhecerem mais um pequeno trecho da obra original.

O seminário Dom Quixote

O seminário aconteceu na data prevista e ocupou três aulas de 50 minutos. A primeira parte aconteceu em sala de aula, a segunda no pátio, com os alunos sentados no chão, debaixo de enormes árvores. E a terceira aconteceu em sala de aula. Como alguns alunos, no início da leitura da obra, fizeram observações no sentido de que não estavam gostando do texto, que este era difícil, ficamos um pouco apreensivas quanto ao sucesso do seminário. No entanto, se houvesse mais horas-aula disponíveis, estas teriam sido usadas para esse fim, tantas eram as coisas que os alunos tinham para falar a respeito de Dom Quixote.

Para servir-nos de guia durante o seminário, elaboramos um questionário com 30 perguntas que poderiam ser respondidas por quem teria lido qualquer uma das adaptações, e duas específicas a cada uma das adaptações adotadas no projeto. As perguntas foram respondidas pelos alunos que se manifestavam ou por outros, aos quais dirigimos as perguntas. Foram dadas respostas a todas as perguntas que fizemos, tendo essas respostas servido de “gancho” para outros assuntos levantados pelos próprios alunos, fato esse que transformou o que poderia ser apenas uma “prova oral de interpretação de texto” em um “seminário de literatura”. Começamos pelos traços físicos dos personagens, passamos pelos psicológicos; caminhamos pelas situações inusitadas, divertidas, absurdas, alegres ou tristes. Diversas cenas foram lembradas e até a persistência do personagem, que, segundo os alunos, “apanha, apanha e vai”, foi comparada à do brasileiro da propaganda de governo, que na ocasião estava sendo mostrada na TV: “o brasileiro que não desiste nunca”. Outro exemplo de intertextualidade que tivemos foi em relação à história *O julgamento de Salomão*, que haviam lido em uma aula de Português não relacionada ao projeto. Alguns alunos lembraram que, no livro, há

uma cena que em que Salomão é citado em um momento em que Sancho Pança, suposto governador de uma ilha, agiu como o rei Salomão, segundo o narrador. Quem leu a adaptação de Orígenes Lessa disse que esta não registra a cena em que Sancho é comparado a Salomão. No decorrer do seminário, os alunos também comentaram sobre a linguagem do texto, que não é mais usada nos dias de hoje. Acharam uma loucura a destruição de uma biblioteca, porque alguns pensavam que eram os livros que estariam deixando louco o personagem. Alguns disseram que torceram por Dom Quixote a cada luta e a cada nova aventura. Comentaram a entrada do autor na história, como se fosse personagem; acharam interessante o fato de Dom Quixote e Sancho conversarem sobre a própria história como se estivessem “fora da história”. Colhemos algumas pérolas como “herói atropelado” e “herói despedaçado”, que serviram para nos direcionar para a figura do herói problemático, que marcou a inauguração do romance moderno, herói que morreu da doença da tristeza, na cama, sem poder dizer que venceu a sua luta, sem poder dizer que alcançou seu ideal. A morte desse herói foi muito sentida pelos nossos jovens leitores. Alguns concordaram com a versão de Lobato que, no final, põe a Emília para dizer: “Dom Quixote é imortal”. Outros acharam que Cervantes havia cometido um erro no final, que ele deveria ter feito Dom Quixote ficar com a Dulcinéia, que não deveria ter morrido naquele momento, que pudesse tomar conta de suas terras. Argumentamos que, se isso tivesse acontecido, a obra não teria tido tanto sucesso, pois teria um final parecido com o das outras. Alguns concordaram que essa seria mesmo uma diferença, um herói sonhador e, na maioria das vezes, um perdedor. Quanto ao fato de Dom Quixote ser tido como louco, muitos não concordaram. Um aluno cogitou: “Quem sabe, aqueles moinhos não seriam mesmo gigantes? Quem sabe se o Sancho Pança é quem estivesse errado?”



Os leitores da adaptação de Ferreira Gullar comentaram sobre os diversos poemas que ele deixou na sua adaptação e também sobre as gravuras de Doré. A maioria dos alunos disse que gostaria de ter lido essa adaptação por causa das gravuras, que acharam “muito reais”. Os leitores de Lobato acharam original a forma com que ele misturou seus personagens com os de *Dom Quixote* “sem misturar as histórias”. No final do seminário, os alunos foram convidados a conhecer uma outra adaptação de *Dom Quixote*, desta vez no cinema, idéia que foi muito bem recebida pela turma toda. Esse foi um fato que nos levou a concluir que nossa idéia de levar a literatura aos alunos como uma obra de arte, no caso de *Dom Quixote*, principalmente, foi uma boa opção, pois acabou despertando-os para outras formas de arte.

O filme

Trabalhar com a idéia de arte implica conhecer a visão de diversas manifestações artísticas. Enquanto estávamos escrevendo o projeto, vimos em vídeo a versão de *Don Quixote*, de Peter Yates, de 1999, legendada, colorida. Verificamos que era uma boa versão, com efeitos especiais, que poderia agradar aos alunos e que poderia ser vista na sala de vídeo do colégio. Nesse meio tempo, ficamos sabendo que a proprietária do cinema da cidade costuma oferecer sessões especiais de filmes para grupos de pessoas, em horários alternativos. Ao procurá-la, ela prontificou-se a alugar a fita e a disponibilizar o cinema numa tarde para um grupo de 50 ou mais alunos, com um preço especial. Como *Dom Quixote* estava sendo lido na turma da quarta série do Ensino Fundamental, os alunos dessa turma também foram convidados para a sessão de cinema e foram eles que, pela reação demonstrada, se revelaram os maiores apreciadores das aventuras do nosso “herói despedaçado”. Apesar de terem ainda maior dificuldade de leitura, comparando-se com alunos

de oitava série, nenhum aluno da quarta série reclamou do fato de a fita ser legendada, e chegaram a bater palmas durante as cenas mais divertidas. Antes da apresentação do filme, no palco do cinema, o professor de Artes Cênicas do colégio falou sobre as linguagens do cinema e da visão do diretor na adaptação de uma obra literária para o cinema, que antes de ser filmada tem de ganhar um roteiro, que é o que serve de base para a transformação de um texto escrito em oral, como é o caso do cinema e do teatro.

O debate sobre o filme aconteceu na aula seguinte. Reservamos o final de uma aula para essa discussão, pois sabíamos que os alunos gostariam de falar muito sobre o filme, tanto pelo que viram como pelo gosto de “esticar” assuntos que não os façam escrever ou se concentrar.

Os quadrinhos

Convidamos um aluno para fazer a leitura da adaptação de Will Eisner, em quadrinhos. Ele fez a leitura e comentou que achou a obra, apesar de resumida, bastante interessante e apontou a técnica usada pelo autor – usar nos desenhos o preto e branco e as cores, para distinguir as cenas de sonho da realidade, embora todas elas sejam ficção. Pedimos a ele que fizesse uma demonstração para os colegas. Para isso, ele escolheu uma das páginas do final do livro e fez uma cópia para cada colega para que acompanhassem a “aula” dele.

Como os alunos da quarta série haviam lido os quadrinhos e feito um texto sobre o livro, levamos uma cópia de dois trabalhos feitos por eles. Esses textos foram analisados como sendo do gênero resumo. Alguns disseram que o texto de uma colega não serviria para ser posto numa quarta capa, pois conta o final da história. Já o de outra aluna poderia ser aceito, mas ela deveria reescrever o seu final.

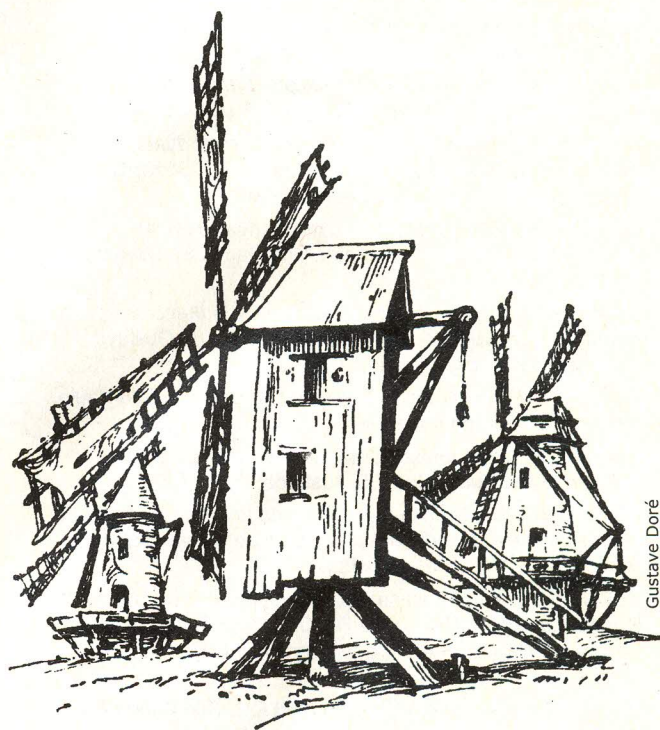
A festa de encerramento

A festa de encerramento foi planejada em conjunto por professores e alunos que discutiram sobre o que gostariam de separar para esse dia. Optamos por poesia, música, teatro e opiniões sobre o livro. Três poemas foram escolhidos entre os inúmeros que estão inseridos na obra original de Cervantes e foram ensaiados por três alunas. A música *Dom Quixote*, dos Engenheiros do Hawaïi, foi escolhida entre as que encontraram no *site* que haviam pesquisado. Contaram com dois músicos do Ensino Médio, Delvânio, no violão, e Werner, na flauta, e dos colegas João Paulo e João Pedro no violão, para os ensaios e apresentação no palco. Um grupo de alunos ficou encarregado dos convites, outro da decoração do salão e da exposição de edições de *Dom Quixote*, outro da elaboração dos depoimentos e da apresentação destes no palco. A aluna Marcella desenhou um *banner* para ser posto no fundo do palco, para registrar o nome do projeto. A aluna Gabriella fez um desenho num quadro negro, com giz de cor, dos cavaleiros Dom Quixote e Sancho Pança. O roteiro da peça de teatro foi escrito pelo professor José Roberto, que contou com a opinião dos alunos na escolha das cenas que gostaria que fossem apresentadas. Escolheram as cenas dos moinhos, dos rebanhos e da coroação do personagem como cavaleiro andante. O final foi inspirado em epitáfios extraídos da obra original. A introdução foi escolhida pelo professor que usou as próprias palavras de Cervantes no prólogo da obra original: “Desocupado(leitor) espectador: Não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este(livro) esque-te, como filho do entendimento, fosse o mais formoso... A palavra leitor foi substituída por espectador, e livro, por esque-te.

No final da festa de encerramento, entregamos aos alunos um relatório do conteúdo informativo e das

atividades e tarefas que foram feitas durante o projeto. Como tarefa final, foi solicitado aos alunos que postassem, no fórum da classe, uma mensagem fazendo uma avaliação do Projeto Dom Quixote.

A avaliação dada pelos alunos no fórum, sem a presença de professores, comprova que esse foi um projeto que deu certo e que é válido trabalhar com a literatura como uma das formas de arte. Pudemos comprovar que, trabalhando com a literatura, inúmeros gêneros textuais, literários ou não, podem também ser trabalhados.



Gustave Doré

Referências Sugestões de leituras

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- BARBOSA, Alexandre et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BARBOSA, João Alexandre. Borges, leitor do Quixote. *Cult*. São Paulo: Lemos Editorial, ago. 1999.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: FTD, 1992.
- CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Tradução de Castilho e Azevedo, Viscondes de. Porto Alegre: Pradense, 2003.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Adaptação de LESSA, Orígenes. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Adaptação de ANGELI, José. São Paulo: Scipioni, 2005.
- CERVANTES, Miguel de. *O último cavaleiro andante*. Adaptação de EISNER, Will. Tradução de SUSSEKIND, Carlos. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote das Crianças*. Adaptação de LOBATO, Monteiro. São Paulo: Brasiliense: 1982.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Adaptação de GULLAR, Ferreira. Ilustrações de Gustave Doré. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- Folha de S. Paulo. A longa viagem de D. Quixote. São Paulo, 18/6/2005. Caderno Especial.
- GULLAR, Ferreira. Quixote, um maluco beleza. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6/3/2005. Ilustrada. P.10.
- LAJOLO, Marisa. Dom Quixote: quando Lobato apresentou o imortal cavaleiro às crianças. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 16/1/2005. 2.cad. p. 10.
- PEDROSA, Heloisa Helena. As adaptações e o ensino de literatura. In: PAULINO, Graça & COSSON, Rildo (Org.). *Leitura Literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: FALE, 2004.
- SCLIAR, Moacyr. *Ataque do comando P.Q.* São Paulo: Ática, 2003.
- TAVARES, Carlos. Luz mítica sobre o Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19/3/2005. Pensar Caderno. P.1.

Periódicos

Revista *Ciência Hoje das Crianças*, 5/7/2001, texto de Felipe Castro.

Folha de S. Paulo, Caderno Especial, 18/6/2005.

Filmes

O incrível exército de Brancaleone. Direção de Mario Monicelli. 1965. Colorido, legendado.

Dom Quixote. Direção de Peter Yates. 1999. 120 min. colorido, legendado.

Sites da Internet – pesquisas sobre Cervantes e Dom Quixote, acessados em março e junho de 2005:

<http://www.ucm.es/info/especulo/numero23/drummond.html>

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Drummond e Portinari: Leituras de *Quixote*.

(Contém texto de Alice, gravuras de Portinari e poemas de Drummond inspirados em *Dom Quixote*)

<http://www.contandohistoria.com.br/flash/index.html>.

(Contém versão narrada de *Dom Quixote* para o público infantil, com animação)

http://www.cervantesvirtual.com/bib_autor/Cervantes/
Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (vida e obra de Cervantes): festividades em comemoração dos 400 anos de Dom Quixote, em espanhol

<http://www.h-net.org/~cervantes/doreeng1.htm>
(Contém 222 gravuras feitas para *Dom Quixote* pelo ilustrador Gustave Doré)

http://www.atica.com.br/destaques/materias/quixote_mat.asp
(Contém comentário de Ana Maria Machado e resenha da adaptação de *Dom Quixote*, de Michael Harrison, editado pela Ática)

<http://meumundo.aol.com.br/guilongman/main.htm?f=fs>
(Site da UFRS, contém textos sobre vida e obra de Miguel de Cervantes, ilustrações, pinturas etc. Contém letras e músicas brasileiras inspiradas em Dom Quixote)

http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/020507_quixotero.shtml

(Site da BBC do Brasil que comenta a eleição do livro Dom Quixote: *Dom Quixote* é eleito maior livro da literatura mundial)

http://www.madrideos.net/rutas_quijotescas/default.htm
(Contém rotas, mapas e informações sobre os caminhos "percorridos" por Dom Quixote_ na Espanha dos dias de hoje)

<http://www.globe-images.com/europe-image.htm>
(Contém mapas da Europa e da Espanha)

SUMÁRIO

Entrevista

Joel Rufino:

Leitores se formam nas escolas em que há sincera afeição pela literatura

Artigos

Números irracionais no Ensino Fundamental e a calculadora

João Bosco Pitombeira de Carvalho

Dom Quixote: cavaleiro de 400 anos na escola

Maria Angélica A. dos Santos, Marília Vasconcelos de Melo Campos e Terezinha Pereira

Contextos de produção de sucesso-fracasso escolar

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Pontos críticos dos atuais cursos de Pedagogia

José Carlos Libâneo

Reportagem

Um currículo mínimo para a cidadania

Rosângela Guerra

Presença de Arte

Dom Quixote e as crianças

Andréa Grijó

Dicionário Crítico da Educação

Avaliação sistêmica

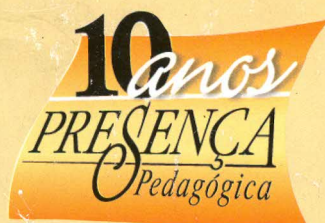
Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben

Agenda

Ponto de Vista

O projeto de Resolução do CNE sobre o curso de Pedagogia

José Carlos Libâneo



A revista *Presença Pedagógica*
é parceira da
Federação Nacional das APAEs.

